

Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades

Rain of stars: between metaphors and narratives to feel/think investigative paths from our ancestries

Rossana Godoy¹
Universidad de La Serena
rgodoy@userena.cl

Tiago Ribeiro²
Instituto Nacional de Educação de Surdos
tribeiro@ines.gov.br

Resumo: Evocamos inquietudes acerca do fazer pesquisa e metáforas com as quais dialogamos para pensar e comunicar nossas ações investigativas polinizadas por mapas e cartografias afetivas e epistemológicas grávidas de nossas ancestralidades, territorialidades, temporalidades e histórias plurais. No movimento de pensar a investigação como aventura trans-formativa, o texto se nutre de algumas perguntas e imagens gestadas em percursos e experiências de pesquisa em constelação - sociais, teóricas, metodológicas, éticas, estéticas e políticas. Entrelaçamos indagações sobre maneiras de pesquisar que afirmam a vida, a existência singular, o minúsculo, os processos de transmutações que envolvem ressignificações de sentidos construídos... Como gesto de desmarcação ética, estética, política e decolonial, perguntamo-nos: como narrativas ancestrais de diferentes povos originários nos ajudam a plasmar outras ideias para pensar a pesquisa?

Palavras-chave: Pesquisa; Partilha; Conversação

¹ Universidad de La Serena, La Serena, Región de Coquimbo, Chile.

² Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, Brasil.

Abstract: We raise concerns about conducting research and metaphors with which we dialogue to think and communicate our research actions pollinated by maps and affective and epistemological cartographies pregnant with the knowledge of our ancestors, territories, temporalities and plural histories. The text as a movement to think about research as a transformative adventure, feeds on some questions and images generated in the trajectories and research experiences of the constellations: social, theoretical, methodological, ethical, aesthetic and political. We interweave inquiries about forms of research that affirm life, the singular existence, the minuscule, the processes of transmutations that imply resignifications of constructed meanings... As a gesture of ethical, aesthetic, political and decolonial demarcation, we ask ourselves: how do the ancestral narratives of different native peoples help us to shape other ideas to think about research?

Keywords: Research; Sharing; Conversation

Introdução: demarcações e novas configurações

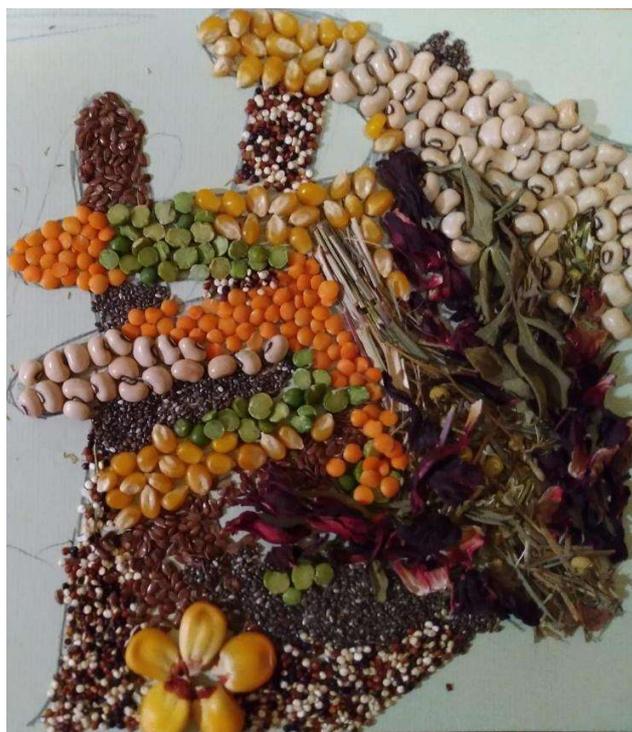


Figura 1: Mãos entrelaçadas. Arquivo de pesquisa.

Este é um texto escrito a muitas mãos; não apenas a de seus autores, mas também as mãos que nos acariciam, que nos comunicam, que nos indicam, que nos convidam, que nos tocam, que nos inquietam...

assim como as mãos que nos soltam, nos largam, dão adeus. Evocamos a mão como metáfora de algo íntimo, singular, artesanal, aqui e agora, carnal, encarnado. Talvez essa metáfora, tão ligada ao tato, nos convide a recuperar as sementes que não mais semeamos: nossas ancestralidades, as ressonâncias que nos formam, as presenças e ausências, as proximidades e lonjuras. Somos sujeitos narrativos, estamos feitos por narrações, como nos lembra Ailton Krenak (2019), autor indígena brasileiro que nos oferece a ideia de um sujeito coletivo.

Como sujeitos coletivos, compreendemos que habitamos os outros e os outros nos habitam, que se formar é uma aventura singular, sim, porém também com-partilhada: em nós, podemos dizer desde uma perspectiva ameríndia, pulsam multidões. Tal qual a imagem das três mãos com a qual começamos esta introdução, imagem compreendida como texto vivo, afirmamos uma compreensão constelar da formação/constituição/desmarcação do sujeito: somos constelações, multiplicidades, pluralidades; somos abertura e testemunho do acontecimento do nosso estar sendo. Formamo-nos, sempre e ininterruptamente, com as histórias que ouvimos e as que deixamos de ouvir, com os outros, tantos outros: gentes, lugares, experiências... com o mundo, a arte, a literatura, as presenças e ausências, como nos fala Carlos Skliar, em “A escuta das diferenças” (2019).

Sim: somos e estamos sendo complexos e plurais; por isso mesmo, singulares. Somos sujeitos minúsculos e, em nossa miudeza, como nos lembra Denise Najmanovich (2008) e seu pensamento complexo, também gestamos e guardamos o mundo em sua imensidão transbordante. Somos o mundo que transborda e desborda – ensina-nos as cosmovisões ameríndias mais uma vez. Neste texto, evocamos esses saberes e pensares ancestrais, compartilhamos guardados de nossas memórias e achados de nossas aventuras investigativas no bojo de uma rede internacional de pesquisa, da qual fazemos parte Rossana Godoy, Tiago Ribeiro e Francisco Ramallo, investigadores de Argentina, Chile e Brasil. Queremos dar a ver movimentos de des-composição de territórios epistêmicos móveis e movediços no conversar, pensar e sentir sobre questões relacionadas a modos e maneiras de habitar o investigativo-formativo-educativo. Guardamos a atenção sobre aspectos e dimensões que pulsam em nossas ações investigativas, apostas e desejos que dão sentido a nossos trabalhos, em torno do desafio de uma pesquisa-vida. E é justamente sobre esse movimento investigativo compartilhado e as ideias que temos tecido conjuntamente de que trata este texto.

A experiência indagativa comunitária de pesquisa tem nos possibilitado vivenciar novas formas de reconhecer sentidos e alcançar saberes, os quais abrem caminhos possíveis para a compreensão do mundo. Essa vivência teve início com o cruzamento de trajetórias diferentes. Em um dado momento, no contexto de um seminário de pesquisa em Mar del Plata, na província de Buenos Aires, Argentina, nos reunimos e trocamos reflexões, pontos de vista, conversações, impressões e silêncios: um encontro-experiência encarnado em nossos corpos. A partir desse momento, mantivemos contato e constituímos uma rede de investigação, a Red Investigaciones-Vidas (Rede Investigações-Vida), ou simplesmente RIV, com encontros presenciais e, logo, virtuais, por conta do contexto de pandemia de Covid-19 em que planetariamente nos encontramos.

Tocados por essa experiência de conversação e criação, no presente ensaio, narramos algumas descobertas nossas e alguns princípios que temos podido sentir/pensar no tocante à ação investigativa. Nos

surpreendemos integrando olhares, vibrando nossos corpos com o sentir de outrem, ressoando e transformando a voz de um com a dos outros. Em meio a risos, vídeos, imagens, mãos em movimentos, trabalhos sobre a terra com sementes e folhas, desenhos, bordados e escrita; vimos criando e realizando nossas experiências e tessituras investigativas.

A partir dessas dinâmicas vinculares e vivas, perguntamo-nos: como investigar não se deixando limitar pelas fronteiras metodológicas tradicionais, válidas e aceitas quase como incontestes e assentes em modos e maneiras eurocentradas de pesquisar? Como ser, estar e habitar a pesquisa desde a experiência, desde o vivo, o pulsante, o relacional?

A partir dos gestos e sinais das mãos, das vozes escutadas, vistas e sentidas, dos silêncios vinculantes, das sensações sutis, testemunhamos o surgimento sincrônico de novos sentidos, novas configurações, novas extensões de nós mesmos e, por conseguinte, da forma como podemos olhar e sentir-pensar (com) o mundo, a partir de nossas conversações. Está, portanto, feito o convite! Vamos juntas?

Em torno da pesquisa-vida: uma forma encarnada de ser e estar no investigativo

A conversação tecida-vivida coletivamente em nossa rede tem permitido evocar diferentes vozes, epistemologias, cosmologias, cosmovisões, saberes e experiências. Buscamos pluralizar nossas fontes e referenciais, pois cremos que, se queremos mudar, transformar nossas maneiras de compreender, precisamos espichar os repertórios éticos, estéticos e políticos que nos constituem. Para ressoar diferente, também precisamos de outras vibrações, tons, sons, imagens e silêncios. Esse desafio tem convidado a ler/pensar/conversar com diferentes autores e culturas e resultou na organização, em andamento, de um livro sobre investigações vivas em educação, com autores dos três países que compõem nossa rede, além da Colômbia.

No contexto das conversações em torno do livro com quem o compõem, vivido como projeto comunitário, tivemos, nós organizadores, encontros e reuniões semanais entre nós, além de alguns encontros com os demais autores. Nessas reuniões, diferentes saberes e afetos puderam ser tecidos. Distante da ideia da pesquisa como experiência da lonjura, da objetividade, da neutralidade, da rigurosidade de um método desenhado a priori ao qual seguir irrestritamente, nos toma, a partir da experiência encarnada, a possibilidade de um caminhar investigativo grávido de vida, minúsculo, alinhavado à experiência irrepetível de cada aventura de investigação (DOMINGO; FERRÉ, 2010).

A partir dessas trocas de experiências, inquietudes e reflexões que vimos tecendo, temos nos conectado com metáforas e teorizações afirmativas, as quais põem em questão metodologias normativas, coerentes com manuais e bíblias sagradas do método como condição de cientificidade. É bem verdade que o racionalismo cartesiano do século XVI nos tem vestido, tem armado nossas fronteiras investigativas em ciências sociais. No entanto, a narrativa, em sua dupla dimensionalidade – como método e como fenômeno investigado (CLANDININ; CONNELLY, 2011) – vem provocando rupturas e possibilidades de outros modos de ser, estar, pensar e viver a pesquisa.

Se a supervalorização da razão, inclusive nos aportes da filosofia da ciência, tem justificado a expurgação da subjetividade, das afetações do observador, das dimensões sensoriais que atravessam o intérprete da realidade, a aposta na narrativa como condição vital (KRENAK, 2019) tem aberto outros mundos possíveis de compreensão e movimento na investigação. Compreender, com a teoria narrativa (RICOEUR, 2010), que somos sujeitos narrativos, pois narramos e constelamos justamente porque produzimos e compartimos histórias, pode oferecer elementos para re-pensar a forma como nos portamos e vivemos nossas ações investigativas.

O que podemos compreender como pesquisar a partir de uma perspectiva narrativa? Uma atividade controlada, metrificada e planejada que antecipa a descoberta? O controle dos caminhos a seguir para responder a alguma questão? A análise e categorização da experiência? A aplicação de um caminho a ser seguido para a efetividade e validação da “descoberta”? E onde tem estado o sentido de nossos corpos? Como apagar as intuições próprias de quem vive? Como invisibilizar as marcas sensoriais de quem investiga, as descontinuidades de nossas emoções, as experiências na natureza e com a natureza? Como calar o corpo? Como silenciar nossa própria voz?

Tiago Ribeiro (2020) afirma, em sua “Carta mínima para investigadores minúsculos”, que investigar narrativamente é contar uma história, compor narrativas de narrativas, desde o minúsculo de nossas biografias, tão gigantes em sua dimensão vital em nossas próprias vidas. Se vivemos vidas relatadas, como, então, não relatar os processos vivos e vividos? Poderia a pesquisa ser uma forma de presença que anuncia, narra, visibiliza e pluraliza as experiências de caminhada e atenção ao e no mundo? Em outras palavras: é a pesquisa uma determinada forma – encarnada, viva, irreverente – de mirar e dar a ver, através de nosso próprio corpo e experiência de narrar?

Walter Kohan e Simone Berle (2019) assim nos convidam a pensar:

As diversas metodologias de pesquisa oferecem ferramentas diferentes. Os caminhos possíveis, a troca de ideias, o tensionamento teórico são em cada caso atravessados pelo próprio fazer e pelos sujeitos partícipes desse fazer – em diferentes planos -, seguem variados processos, diversas fontes, interpretações e alternativas encontradas (CAMBI, 1999). A complexidade desse fazer reúne uma espécie de polifonia que, quando o que está em jogo é a metodologia, não pode desconsiderar quem faz, com quem faz, onde faz... (p. 226).

Em seu texto, os referidos autores nos instam a pensar a pesquisa como educação e a educação como pesquisa, isto é, como experiência vivida e encarnada, como caminhada, como percurso. Pensamos que isso tem muito a ver com os ensinamentos ancestrais de nossos povos originários... Conhecer a partir dos confins naturais e corporais abre novos olhares-sentires a partir de outros horizontes. Se a educação é experiência de polifonia, conversação e comunidade, como habitar a pesquisa educativa senão polifônica, conversacional e comunitariamente?

O sistema educativo (e investigativo?) normalizado e linear, até nossos dias, constitui um referente imperativo positivista para conhecer e compreender o mundo que não se aplica às comunidades de povos originários nem à vida mesma, em seu fluxo. Os povos originários nos propõem um pensamento vital em espiral (GAVILÁN, 2012), cuja compreensão de mundo nasce da experiência no mundo, da própria vida, da natureza, do céu, das estrelas, dos rios, das quebradas, das montanhas, das pedras, dos seres vivos, dos mares, do céu e da terra, do fogo e do ar. Aí não existe um conhecimento configurado milimetricamente e reproduzido/ imposto a todos, senão sabedorias: asiáticas, africanas, americanas, afro-americanas, amefricanas... sabedorias ancestrais de povos originários que nos lembram o que nos ensina a imagem de uma horta: é onde há mais sementes e diversidade que brota, com veemência e esplendor, a vida em sua pluralidade de cores e texturas. Assim, a vida é uma espiral multicolorida que não se deixa capturar em partes, porque o todo é também suas partes, e as partes são o todo, complexamente (NAJMANOVICH, 2008).

Se as relações humanas são relações vivas, intensas, dialógicas, moventes, grávidas de sentidos diversos, como, em se tratando de investigá-las, também não reconhecer e praticar a pesquisa desde a pluralidade e a diversidade que o experienciar a vida demanda? As indagações-vidas, nesse sentido, têm conformado nossa constelação como unidade – complexa e plural – na rota da aprendizagem. Temos nos dado conta das desmarcações de nossos próprios sentires e pensares e do entretocado que vem deixando marcas em nossas próprias vidas. Nos alegramos, dançamos e brincamos ao ver as pontes, as articulações, as integrações do que vem surgindo, a partir do movimento de prestar atenção aos acontecimentos, ao que passa e nos passa, nas diferenças.

Viver as nossas pesquisas desse lugar e pensar com e a partir delas tem dado espaço a uma investigação viva, compartilhada na constelação de (des)aprendizagem, na comunidade-vida. Temos Francisco, Rossana e Tiago protagonizado coletivamente essas transformações em nossos corpos e experimentado outras formas de nos compreender. A tal indagação experimental temos chamado de investigação-vida: desmarcações e configurações vitais em unidade constelar e permanente transformação, encarnada, com corpo, sangue e face.

Todo esse movimento de desmarcação não fazemos/ vivemos sozinhos. Novamente fazendo referência aos saberes de nossos povos originários, somos constelações, ressoamos e polinizamos a partir de outros corpos, outras existências, não apenas humanas, ao menos não como temos pensado essa ideia de humanidade, mas de toda a natureza, em sua unimultiplicidade. Tudo o que existe é natureza, afirma Ailton Krenak (2020): árvores, rios, pedras e animais; ideias, pensamentos, sonhos... A natureza nos ensina todo o tempo e o tempo todo, e também, porque somos parte dela, nos ensinamos e aprendemos uns com os outros, o tempo todo. Reconhecer a pesquisa como vida carrega essa compreensão, convida a narrar e narrar-se, no desafio de entender que no uno há múltiplos, que em mim há milhões, como canta o som dos terreiros de candomblé Brasil afora: “Assim como nos convoca Exu, a tarefa de educar [e pesquisar] é uma tentativa de encruzar o mundo e praticá-lo como terreiro, ao invés de universalizá-lo. Em outros termos, diríamos através de uma máxima filosófica dos terreiros atribuída a Exu: multiplicar o um ao infinito” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 57).

Multiplicar o um ao infinito: Que multiplicidades somos capazes de ver? Que pluralidades nos brindam os saberes ancestrais desse mundo tão rico, vasto e plural? Há sentido na imposição de um modelo como norma? Talvez essas compreensões nos convidem a abandonar a indolência e prepotência de nossos conhecimentos e enxergar para além deles. Na próxima seção, buscamos sentir-pensar um pouco mais acerca dessas indagações, as quais têm sido nutrientes para nossas ações e experiências, bem como acerca de alguns desafios.

A partir de nossas origens, outras sabedorias, olhares e fontes de aprendizagem

O saber ancestral não fala de pesquisa, tal qual fomos ensinados a compreendê-la pelo pensamento científico europeu moderno, senão em projeção comunitária. Alcançar a sabedoria, nessa e dessa perspectiva, supõe compreender as relações com a mãe terra, com os outros e conosco mesmos. As línguas dos povos originários americanos nos ensinam sobre as origens e nos entregam mensagens para a compreensão do mundo, de maneira ecológica e interligada. De acordo com suas semânticas e gramáticas, insistimos, somos pluralidades: temos distintas formas de compreender o mundo, de ser mundo. A terra, aqui, é parte do cosmos e de nosso corpo, além de produto de nossa relação com eles, de modo que somos maternais, indistintamente se somos homens ou mulheres.

A vida só é vida porque é comunitária. A vida só é vida porque é narrada e pode ser comunicada através das histórias intergeracionais. Essa experiência indagativa/comunicativa de caráter comunitário desfigura a natureza do pensamento abismal, hegemônico e monocultural da ciência moderna, que segue ratificando e buscando impor apenas uma forma de saber válido (SANTOS, 2010). Essa lógica normatizante construiu e tem construído, já salientamos, fronteiras investigativas nas ciências sociais e humanas, em especial na educação, cobrando-lhes uma racionalidade instrumental baseada em evidências e fatos e expurgando as subjetividades e intersubjetividades.

A pretensa ciência neutra, objetiva e generalizante, no entanto, não conseguiu nem tem conseguido responder aos desafios impostos por um mundo ecologicamente pensado, onde a sanha pelo consumo e o afã pelo novo resulta no esfacelamento do próprio mundo e no cerceamento da própria vida, como o extermínio de diferentes modos de vida em oceanos, rios, florestas e genocídios por preconceitos religiosos, de raça, gênero etc. Essa conhecida crítica ao capitalismo e ao positivismo nos convida a reconhecer que a ciência social, longe de neutra, aborda o interacionismo intersubjetivo da vida; portanto, desenvolve-se como ciência desde a subjetividade humana (MANSILLA, 2019).

Não é a ordem nem a unidade a tônica do mundo. Ele está configurado, isso sim, por sentidos muitas vezes ocultos para nossos olhares estigmatizados e estigmatizantes. A pluralidade e a singularidade multiplicam cores e texturas, sabores e cheiros, imagens, sons e metáforas que saturam a realidade dos fatos. O movimento é vivido ali onde acontece a vida, a história, as afetações, as atividades humanas, as práticas discursivas, as forças sutis, a emergência do desconhecido... E tudo isso vai configurando o sentido de um mundo sensível, um mundo da vida; por isso, um mundo que é mundos.

Aqui evocamos o povo pirahã (hiaitsiihi), de parte da Amazônia brasileira, ao norte do país. Esse povo, diferente de outros ameríndios, compartilham uma cosmologia na qual não há passado nem futuro, mas apenas presente, em diferentes dimensões e patamares. A ligação entre essas dimensões e patamares são os seres que as habitam, o elemento vivo, em suas diferentes expressões. Na impossibilidade de quantificar quantos patamares são, a cosmologia pirahã inspira-nos a incerteza como complexidade e co-presença. Ecologias de dimensões e patamares que se interconectam através da vida que pulsa e extrapola as fronteiras físicas.

A palavra vida não tem sentido fisiológico; significa atuações, sentires, sensações, intuições, criações de formas espirituais e/ou espiritualizadas, em sentido mais amplo. Vida criadora de cultura da unidade múltipla, da historicidade encarnada a partir da experiência vivida. Vida como unimultiplicidade de uma complexa trama de realidade interna e externa. Vida como vivendo, sendo, estando, compartilhando, constelando. Vida como gerúndio que flui como as águas de um rio ao encontro do mar.

Do nosso ponto de vista, as cosmologias ameríndias abrem outras possibilidades de ser, sentir e pensar a educação e a pesquisa. Em vez da ação exacerbada e ininterrupta, convocam à passividade ativa da escuta, da atenção, da abertura à experiência coletiva, ao encontro-vivência como maneira de habitar espaços educativos, espaços de co-presença, de expandir-se no e com o outro e o mundo. Estar na presença de aprendizagens que proveem da mãe terra e dos encontros educativos, portanto, pode ser compreendido como estar em disposição de abrir-se e receber mensagens através do corpo-constelação e do que está para além dele e/ou o amplifica, através de cerimônias sagradas e de plantas medicinais, por exemplo.

Alguns povos ameríndios, desde as histórias dos ventres, aprendem que são duas sementes da vida que começam a dançar e conformam o espiral; outra vez a espiral: vida como espiral que sustenta o ser e não o encerra; está no fogo que esquenta enquanto se dança, da qual surge a água e aparecem o ar e o sol. Dança em que se aprende a escutar, a tecer, a ter um bom coração, a se comunicar com os céus, com os espíritos da floresta. Vida, movimento e corpo: uma constelação que comunica e convida a experiências vitais.

Em diferentes cosmologias indígenas, dos Krenak no Brasil aos Embera na Colômbia, a principal sabedoria tem a ver com a origem. Compreende-se que provimos da mãe-terra, do ventre da mulher. Sabe-se que estivemos e estaremos no ventre da mãe, e a mãe no da avó, e a avó no da bisavó; ventres que parem ventres desde o ventre de pachamama: todos somos filhos do ventre da mãe terra.

Outro saber fundamental é que a morte é uma transmutação de energia que nos permite curar(nos), uma volta às origens, ao ventre que nos forma e acolhe. Podemos, em nossa jornada singular-coletiva, vir a ser observadores sencientes, valorando as indagações das vidas nas relações com outros, com a natureza. Os ensinamentos que nos concedem os povos originários nos dão conta de que o conhecimento está no encontro de vidas, nessa unidade como todo complexo que nos torna um organismo vivo. As células vitais pertencem a uma trama, são uma trama, todos e cada um, assim como o espaço, o tempo e tudo que lhes conforma.

A partir dessas cosmologias, como pensar a sala de aula, a experiência educativa, senão como relação viva, como polifonia de vozes, ecologias de saberes, trajetórias e biografias compartilhadas? E como investigar/acompanhar/prestar atenção a essa trama vital senão abrindo-se à surpresa, ao contingente, ao que passa aí, na presença, no encontro, na conversação? Seria investigar, desse ponto de vista, narrar percursos

vivos, compartilhar experiências vitais, sentir-pensar comunitariamente? Criar comunidades de atenção compartilhada e compartilhar suas ressonâncias, ensinamentos, deslocamentos produzidos em nossos corpos e corporalidades?

No livro “Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas”, organizado por Adrienne Ogêda Guedes e Tiago Ribeiro (2019), Luciana Ostetto (2019) nos dá a pensar que a experiência é sempre mais rica e mais ampla que a explicação. Sentimos em nossos corpos as ressonâncias de suas palavras e as constelamos com as cosmologias ameríndias e seus ensinamentos. Viver a experiência talvez seja, portanto, abandonar o lugar do conhecer e do explicar, indo na direção do sentir, do prestar atenção, do escutar, do observar generosa e sensivelmente, com todos os sentidos. Uma espécie de cartografia narrativa, cartografia vital que se costura narrativamente pelo vivido, pela dúvida, pelo encantamento diante de mundos que, se antes eram estranhos, podem gerar intimidade compreensiva (e, aqui, entendemos compreender como sentir-pensar, como desconstruir preconceitos que carregamos, sempre, em nossas lentes).

Com isso, queremos dizer que pesquisar como viver pode ser narrar, conversar, acompanhar, compartilhar movimentos transformativos nos quais, ao pensar-viver experiências, nos transformamos, nos fazemos outros de nós mesmos, deslocamos e espichamos nossos corpos e vozes. E damos a ver e ler justamente esses movimentos, deslocamentos, sentires-pensares.

Quando adentramos os cotidianos escolares ou nos debruçamos pelos percursos formativos e educativos, por exemplo, buscamos, enquanto comunidade investigativa, sair do lugar do julgamento a partir de nossos sistemas de valoração. Cada povo tem e compartilha um propósito de existência próprio, sua própria transcendência vital, tão profana como a experiência encarnada de estar juntos e, conjuntamente, construir e atribuir sentidos ao mundo vivido. E cada um deles se conecta transitando esse curso vital aprendendo, lendo o mundo e recebendo os conhecimentos que lhes possibilitam alcançar a (sua) sabedoria. Todos e cada um vivem um processo de mudança posto em marcha a partir da trama da unidade plural, o sentido de sua própria vida.

Alimentados por essas ponderações, indagamos sobre que sabedorias podem nos ofertar os mundos educativos que pesquisamos. Que riquezas velam as experiências nas quais estamos acostumados a enxergar faltas e equívocos? Os sentidos singulares e locais de cada mundo educativo aportam novos modos de sentir-pensar a educação e suas relações vivas? O que esses mundos, no encontro com os nossos, podem abrir como possibilidades de vir a saber e sentir diferente do que temos sabido e sentido?

Mais uma vez, as cosmologias ameríndias nos acodem. Aprender a ver, ouvir, escutar, ler o mundo consoante a sabedoria do povo ancestral Wiwa, de Santa Marta, Colômbia, é dar-se conta de que nossas aprendizagens são muito do vivido. Aí pulsam os encontros-vivências como algo que nos ensina. Suspender o tempo, conectar-se com a natureza, encontrar a tranquilidade são os ensinamentos de Shkuakla (o pai que sustenta a terra). Eles nos falam de como alcançar a sabedoria de um “Mamo”.

Quem há de chegar a ser um Mamo é um membro da comunidade que deve conhecer cada elemento da natureza e dos espíritos. Começa-se a ser Mamo ao se organizar todo o conhecimento e falar com a verdade. O Sol que dá calor se chama Mama Dzhuisa, sempre ilumina a todos, nunca se nega; sua luz dá luz e calor, evitando enfermidade. Por isso foi chamado Sol, protegendo o material e o espiritual. O Mamo

sempre permanece em um lugar de meditação, sem provar comida com sal para fazer o bem. Deve crescer, deve cuidar dos demais. Os espíritos acreditarão, escutarão e entenderão sua gente e saberão que, se não cumprirem, serão cobrados. Antigamente, havia muitos sábios e, quando esses sabedores existiam, os animais e a natureza inteira estavam bem e havia harmonia: a harmonia repousa na diferença, na ecologia, na existência plural de um corpo-constelação que é unimúltiplo. Uma complexidade na qual cada qual e todos têm lugar, sem necessidade de extermínio, de aniquilação.

Por isso, tudo o que existe no universo deve ser protegido, é produto e produtor de um pluriverso que não pode ser captado por olhos manchados pela lógica positivista indolente e normativa nem pelo desejo mercantil que também impera sobre teorias e metodologias. A sabedoria e o conhecimento não são mercadorias; são processos, criações grávidas de corpo, presença e experiência. Nesse sentido é que os Mamos intercedem e estão no mundo. Eles se preparam para ajudar e ser escutados. Escuta como lugar de educação e de autoeducação. Quem vai se formar como Mamo deve se interessar em aprender, conforme está estabelecido na lei e na sua história. Só depois de vinte anos de estudo os que aprendem podem ajudar nesse papel.

O povo Wiwa sabe o que se deve viver para viver sua própria vida... Render tributo ao sol, ao fogo, à terra, à água, aos alimentos são ensinamentos que vivem desde criança, desde quando chegam à terra, onde aprendem os princípios e fundamentos da própria cultura, os significados amplos e profundos. Através da escuta como princípio educativo, investigativo e formativo se tornam quem são e quem estão sendo, pois a escuta, porque e na medida em que ensina, transforma (GOMÉZ, 2016).

Esses ensinamentos ameríndios, como dizem muitos povos originários do Brasil, nos chamam a atenção para uma urgente inversão nos nossos modos e maneiras aprendidos e apreendidos de educar e pesquisar: não se trata tanto do que temos a dar, a oferecer, senão o que temos a aprender, a escutar, a observar, como para deslocar a nós mesmos e, na relação, espichar nossas visões de mundos, nossas cosmologias. Por compreender o cotidiano escolar e cada sala de aula como um ecossistema vivo, pensamos que essa postura escutadora também precisa dar a tônica a nossas ações. Já explicamos, ensinamos, orientamos, categorizamos, anormalizamos demais. O mundo está desgastado com tantas explicações e empobrecido com tantas normas e modelos prescritivos. Escutar não fecha; abre possibilidades. Escutar não explica, busca compreender na estranheza, por mais efêmera e incompleta que seja nossa compreensão. Escutar é uma aposta e um convite a pluralizar nossos mundos e olhares. Não importa bem aonde nos vai levar, mas sua potência reside justamente na possibilidade de movimento, de não estarmos para sempre parados em nossas certezas: como as florestas, entender as relações educativas como corpo vivo é se abrir ao fluxo, ao diferir, ao encantamento. Nunca uma floresta acorda tal qual quando foi dormir. Nunca uma sala de aula se repete.

Assim, investigar desde a escuta tem a ver menos com a intenção e mais com a atenção (mesmo que se trate de uma atenção intencionada), com a presença encarnada de um corpo que está ali, que acompanha e busca vivenciar o que a experiência tem a ensinar. É uma experiência na qual vivenciamos o encontro e geramos intimidade. Ao viver a relação, o processo, tal qual sugerem também Contreras e Lara (2010), com olhar atento, escuta sensível e corporalidade pulsante, podemos tombar nossas certezas e, como os pirahã,

viver a incerteza. E aqui, ao falar de incerteza, falamos também de contingência: abertura à descoberta com o que passa e nos passa, com o acontecimento, com a implicação no vivido, com a possibilidade de fazer parte, de constelar, de ser e fazer-se corpo com o outro, com o ambiente: ser investigação.

Abya Yala, o nome com o qual nossa terra (América) era chamada pelos povos originários, significa terra madura, terra de respeito, como signo de resistência e encobrimento dos povos que aqui habitavam (DUSSEL, 1993), os quais nos contam sobre o nascimento natural. A primeira coisa que se perguntam não é “como nascemos?” nem “para que viemos ao mundo?” ou “qual nosso fim?”; perguntam-se “a que temos de regressar?”. Seu saber nos ensina que, quando a criança nasce através do canal da vida, permite que seja colonizada pelas bactérias que são as mais reconhecidas pelo entorno de sua mãe. Isso a ajuda a reorganizar sua estrutura molecular para enfrentar a mudança de ambiente. Nesse momento, a placenta transfere ao bebê mais de um terço do volume de sangue de seus pulmões. Para que o bebê respire efetivamente, os pulmões primeiro precisam se encher de sangue. O fluxo, no interior dos corpos, gera vida... E segue gerando!

A hora em que chegamos à terra é a hora de nosso recebimento. A mãe terra nos dá as boas-vindas. Primeiro saudamos as forças da natureza, os guardiães; estas são as forças das filhas e filhos, da mãe e do pai. Para os pais, o momento em que nasce o filho é uma mudança de paradigma que permite recuperar o território do corpo do homem e da mulher, assim como recordar o poder que temos. É uma oportunidade de recuperar a verdadeira maternidade e paternidade, para que cesse a orfandade, para que não falte a mãe ou o pai.

Necessitamos recordar novas formas de conhecer, recuperar distintos modos de aprender. Como o fluxo que garante a vida e é vida, porque movimento que transpassa dimensões e patamares ao passo que os conecta (como nos ensina a cosmologia dos pirahãs), este diálogo é invisível, precisamos que volte a florescer, que se mantenha vivo para as gerações seguintes. Essas vozes são uma recordação para reconectar com essa força nova, para voltar à vida que habita em nós e nos conectarmos com o que amamos: a própria vida.

Esse ir e vir que gera continuidade e diferença é um princípio essencial. Reconhecer, nas heranças, brotos do novo e, no novo, frutos da herança ancestral implica na suspensão do afã pela novidade, pela aceleração, pela substituição do que é e está por algo ainda por vir, algo que possa substituir a tradição. Tradicional, numa perspectiva ameríndia, não é o velho e/ou anacrônico, senão aquilo que nos dá sustento e permite a criação, a manutenção do mundo, o cuidado com a natureza.

Dialogar com esses princípios nos alimenta e impulsiona na direção de uma forma de viver a pesquisa como caminhada, como conversação, como experiência de escuta e de atenção. Em vez de buscar apontar ausências, faltas, desvios, nos convocam as potências, os modos de ser e estar, as constelações de sentido que cada experiência singular revela e pode dar a pensar.

Concluir abrindo: alguns princípios para seguir pensando

São muitos os saberes que nos brindam as culturas ameríndias de pachamama. Quiçá, do nosso lugar de sujeitos ocidentais, compreendê-los seja tarefa árdua e, para alguns, momentaneamente impossível. Estamos acostumados a escutar os ecos de nossas próprias vozes e as sílabas de nossas palavras, porque não semeamos o silêncio como forma de estar presente e se fazer presente.

Se nos desafiarmos a sulear nossas práticas e ações por princípios ancestrais de nossos povos originários, então, talvez, ganhe sentido o parar, dar-se tempo, olhar com atenção, escutar atentamente, silenciar nossos preconceitos e verdades tão ruidosas. Essa espécie de suspensão nos transporta para um modo de investigar que ganha corpo na conversa: o silêncio, o escutar-nos, a conversação. Ribeiro, Souza e Sampaio (2018) falam da conversa como possibilidade metodológica que implica relação e partilha, encontro nas diferenças.

A imagem da conversa como metáfora não de uma lógica, mas de um modo de ser, estar e habitar o investigativo nos engravida de sentidos outros. Para conversar necessitamos fazer silêncio, sentir as palavras do outro, deixar ressoar sua voz, degustar suas expressões e silenciamentos. Fazer silêncio como forma de escutar a voz do outro e suas ressonâncias tem a ver com uma forma de cuidado para com o outro e para conosco mesmos, porque sem silêncio tampouco nos conectamos com nossas raízes, desejos, sentidos, medos, angústias... nem com o outro. Não nos escutamos sem escutar o outro, porque sem relação de alteridade não chegamos a escutar quem estamos sendo.

Nesse sentido, a conversa é a própria relação, o estar junto, a partilha de uma vivência, o movimento, o fluxo vital da linguagem, uma constelação de sentidos, afetos, vozes e experiências. Conversa, escuta e silêncio são três dimensões/ ações muito caras para nós; retroalimentam-se em espiral. O que pode uma pesquisa cujo rigor esteja assentado nesses três princípios?

Compartilhamos, neste ensaio, reflexões preliminares, indagações coletivas que atravessam nossos corpos e cobram outras rotas, outros movimentos, outras conversações – com cosmologias, corporalidades e experiências distintas das que nossa matriz europeia de mundo tem nos imposto. Compreendemos a realidade como uma chuva de estrelas, metáfora que tem a ver com movimentos, rotas, caminhos singulares que, juntos, conformam um todo que não suplanta nenhuma de suas partes. Chuva de estrelas como ecologia de saberes, vozes, existências, ancestralidades, corpos, presenças, diferenças, interseccionalidades. Por isso, concluímos como abertura, como convite a seguir senti-pensando acerca dessas inquietudes. Nossa viagem está começando. Fazemos silêncio para escutar o que nos ensinam saberes e cosmologias negadas. Fazemos silêncio para ver/ouvir/sentir chuvas de estrelas que carregam consigo saberes, histórias e promessas de outros mundos possíveis?



Figura 2: Chuva de estrelas. Arquivo de pesquisa.

Referências

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

CONTRERAS, José Domingo; LARA, Nuria Pérez de. **Investigar a experiência educativa**. Madrid: Morata, 2010.

DOMINGO, José Contreras; FERRÉ, Nuria Pérez de Lara. La experiencia y la investigación educativa. In: CONTRERAS, José Domingo; LARA, Nuria Pérez. **Investigar a experiência educativa**. Madrid: Morata, 2010.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro: A origem do “mito da modernidade”**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GAVILÁN, Victor. **El pensamiento en espiral**. El paradigma de los pueblos indígenas. Santiago: Jorge Calbucura, 2012.

GOMÉZ, María Yanet Sosa. Aportes que la educación propia Embera de comunidades de Antioquia hace a la sociedad mestiza. **Dissertação de Mestrado**. 135f. Medellín, 2016.

GUEDES, Aadrinne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

KOHAN, Walter Omar; BERLE, Simone. Experienciar o pensar, pensar a experiência: notas sobre um coletivo de pesquisa em educação. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MANSILLA Juan Sepúlveda; QUILAQUEO Daniel Rapimán; HUIQUIAN Claudia Billeke; JARDILINO, José Rubens. Actualidad de la crítica fenomenológica de Edmund Husserl a la crisis de las ciencias. **Revista Utopía y Praxis Latinoamericana**, vol. 24, núm. Esp.4. Universidad del Zulia, 2019.

NAJMANOVICH, Denise. **Mirar con nuevos ojos**: nuevos paradigmas en la ciencia y pensamiento complejo. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

RIBEIRO, Tiago. Carta mínima para investigadores minúsculos. **Revista Educación**. Ano XII, n. 21.2, 2020.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: MV Editora, 2019.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

Submetido: 05/04/2021

Aceito: 03/10/2021